

**A IMPORTÂNCIA DO DISCURSO NARRATIVO DO PROTAGONISTA QUADERNA NA  
CONSTRUÇÃO DOS *ETHÉ* DOS PERSONAGENS SAMUEL E CLEMENTE, NO *ROMANCE  
D'A PEDRA DO REINO*, DE ARIANO SUASSUNA**

Cristiane Bachiega Yamamura<sup>1</sup>

**RESUMO**

O presente artigo pretende identificar de que maneira o discurso do protagonista Quaderna, em primeira pessoa, contribui na construção do *ethos* de outros dois importantes personagens do *Romance d'a Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta* (2012), de Ariano Suassuna. Para tanto duas passagens narrativas – as quais caracterizam tais oponentes, física e psicologicamente – serão observadas por meio do embate Samuel *versus* Clemente revelado pelo discurso quadernesco. Vale ressaltar que será observada, ao mesmo tempo, a maneira como o estilo suassuniano vai se revelando ao longo do referido discurso. Por sua vez, as análises dar-se-ão sob a perspectiva da Análise do Discurso em consonância com os estudos estilísticos de Martins, entre outros pesquisadores da área.

**Palavras-chave:** Discurso. *Ethos*. Estilo.

**ABSTRACT**

This article intends to identify how the speech of protagonist Quaderna, in the first person, helps in building the *ethos* of two other important characters from the *Romance of the Stone of the Kingdom and the Prince of Coming-and-Going Blood* (2012), by Ariano Suassuna. For this, two narrative excerpts – which characterize such opponents, physical and psychologically – will be observed through of clash between Samuel *versus* Clemente, revealed by means of the quadernesco speech. It is worth noting that it will be observed, at the same time, how the suassuniano style is going to revealing itself over that speech. In turn, the analysis will happen from the perspective of the Discourse Analysis in consonance with the stylistic studies of Martins, among other researchers.

**Keywords:** Speech. *Ethos*. Style.

**Considerações iniciais**

A partir da observação de dois específicos trechos do *Romance d'a Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta* (2012), de Ariano Suassuna, o presente artigo tem por finalidade analisar o discurso do narrador-protagonista Quaderna, o qual ocorre em primeira pessoa, para descrever física e psicologicamente dois antagônicos personagens,

---

<sup>1</sup> Possui graduações em Letras pela Universidade Estadual Paulista (2000) e Pedagogia pela Universidade Cruzeiro do Sul (2008), especialização em Literatura pela Universidade Estadual Paulista (2001) e mestrado em Linguística pela Universidade Cruzeiro do Sul (2014). Atualmente compõe a equipe de formadores para o Programa de Formação Continuada, ofertado pela Secretaria Municipal de Educação, da Prefeitura de Caraguatatuba.

ainda no início da história. Desse modo tentaremos elucidar de que maneira este discurso quadernesco contribui na construção dos *ethé* dos referidos oponentes, revelando o embate Samuel *versus* Clemente.

Para tanto pretendemos fazer uso de duas linhas teóricas em associação – a Análise do Discurso de linha francesa, conforme os estudos propostos por Maingueneau (2005); e a Estilística, conforme os estudos de Martins (2008), dentre outros pesquisadores – a fim de revelarmos que a característica crítica do discurso quadernesco, além de constituir o *ethos* de cada um dos referidos personagens, também revela o estilo quadernesco-suassuniano.

Sendo assim é importante estabelecermos uma relação entre criador e criatura (Suassuna e Quaderna, respectivamente), mas não antes de apontarmos alguns aspectos gerais acerca da obra e de seu autor. Tendo sempre vivido no circuito Paraíba-Pernambuco, Ariano Suassuna foi um conhecedor nato de toda a cultura sertaneja daquela região. Não foi diferente com a literatura de escritores sertanistas, com a qual pôde se familiarizar a ponto de propor a ruptura ao que havia sido feito até então, e publicar em 1971, aquela que seria sua maior obra – *O Romance d'a Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta* – segundo suas próprias afirmações, visto que “se um dia todas as suas obras fossem destruídas e apenas uma pudesse ser preservada, que fosse o Romance da Pedra do Reino” (TAVARES, 2007, p.149).

Em vista disso o *RPR*<sup>2</sup> se apresenta uma obra que ultrapassa os limites de um regionalismo, pois problematiza o Homem e projeta mais do que uma paisagem sertaneja, de modo a parodiar fatos históricos e passagens consagradas da literatura universal, bem como revelar um estilo suassuniano que também se compõe por elementos oriundos da cultura popular.

Com a imensa possibilidade de tratar da riqueza desse universo popular, devemos ressaltar que Suassuna exhibe o *RPR* em folhetos de cordel divididos em cinco livros e 85 capítulos/folhetos, sendo, estes, numerados com algarismos romanos. O foco narrativo se dá na 1ª pessoa, de acordo com o narrador-protagonista Pedro Dinis Ferreira-Quaderna – criatura que reflete as mazelas do Sertão e revela o olhar de seu

---

<sup>2</sup> A partir desta página, por inúmeras vezes, o nome da obra *Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta* será substituído pela abreviação *RPR*.

criador Suassuna, por sua vez, sempre preocupado com a beleza, o mistério e as contradições desse local.

A narrativa se passa durante o depoimento de Quaderna prestado ao Juiz-Corregedor, devido à acusação de que seria um conspirador contra as autoridades daquele local. O enredo se inicia em 09 de outubro de 1938, quando Quaderna se vê na prisão de Taperoá.

Em relação à trajetória desse herói-narrador, após reconstituir as histórias sertanejas de suas famílias, ele dá início ao relato de seu próprio percurso por aquelas terras, sempre se remetendo a seus mentores, Samuel e Clemente, ao longo de sua narrativa repleta de ritos e aventuras.

E é com base no discurso deste sujeito Quaderna, em consonância com sua história, ideologia e contexto social no qual está inserido, que reproduziremos dois trechos que definem sua visão acerca dos dois personagens, ao mesmo tempo em que contribui na constituição dos *ethé* dos mesmos.

### **Samuel versus Clemente**

Considerando que a expressividade é

[...] o meio do qual o falante se vale para alcançar seu objetivo de exteriorizar seus pensamentos, imprimindo suas marcas de singularidade. Ela ocorre sempre em relação a um outro falante, real ou imaginário, individual ou coletivo. Através desse mecanismo, o falante atua por meio da linguagem, fazendo um uso pessoal da língua, recriando-a constantemente. O procedimento que gera a expressividade não é nem automático, nem infalível. (In: FLORES *et al* 2009, p.118)

E, sendo neste artigo observado o estilo quadernesco-suassuniano como produto dessa expressividade, percebe-se a importância de uma análise frente aos momentos de discurso exclusivamente narrativo do Locutor Quaderna para com a caracterização física e psicológica dos importantes personagens Samuel e Clemente. Neste momento devemos salientar que, ao longo de nossas análises, faremos uso do termo “Locutor Zero” (L<sup>0</sup>), tal como Martins o propôs em seus estudos publicados sob o título *Introdução à Estilística*:

O emissor (L<sup>o</sup>) transcreve o enunciado de outra pessoa (L<sup>1</sup>) tal como foi formulado ou como se imagina ou simula que o foi, mantendo todos os seus traços de subjetividade: interjeições, exclamações, blasfêmias, interrogações, ordens, expressões de desejo, enfim, sugere-se o enunciado vivo, como saiu ou deveria sair da boca daquela outra pessoa. (2008, p.32)

Quanto à aparição dos personagens, temos que a primeira aparição de Samuel dá-se no segundo parágrafo do Folheto II “Caso da Estranha Cavalgada”, e já prevê um instantâneo retrato deste personagem na passagem “o Doutor **Samuel Wandernes**, homem intelectual, Poeta e promotor da nossa Comarca” (SUASSUNA, 2012, p.35; grifo meu). Clemente, por sua vez, embora apareça primeiramente junto de Samuel na página 44, sua primeira efetiva caracterização acontece somente na página 164.

Vejamos o trecho em que Quaderna se utiliza para descrever Clemente:

Nós vivíamos, na "Onça Malhada", sob os cuidados de um preceptor, o **Professor Clemente Hará de Ravasco Anvérsio (01)**, "um **Filósofo, um bacharel, um historiador, um luminar, uma sumidade (02)**", como era voz corrente no Sertão. Era **filho de pais incógnitos (03)**. Sabia-se que **era da Vila do Patu, no Rio Grande do Norte (04)**. Em menino, "era um **negrinho bonito, de cabelo bom (05)**", deixado na porta do célebre latinista sertanejo (06), Antônio Gomes de Arruda Barretto, em Brejo da Cruz, Paraíba, perto da fronteira do Rio Grande do Norte. O humanista Antônio Gomes tomara o menino e educara-o no seu famoso "Colégio Sete de Setembro", onde Clemente foi aluno brilhante. Aproveitando os fumos liberais do Segundo Império e de Dom Pedro II, o moleque exposto fez os preparatórios e ingressou, depois, na Faculdade de Direito do Recife. (SUASSUNA, 2012, p.164; grifos meus)

Este fragmento supracitado é o segundo parágrafo componente do Folheto XXIV, intitulado “O Caso do Filósofo Sertanejo”, cujo conteúdo é todo ele para a apresentação de Clemente.

Já no Folheto XXV, “O Fidalgo dos Engenhos” – subsequente ao folheto da apresentação de Clemente – Samuel também tem a chance de ser melhor caracterizado pelo L<sup>o</sup>, conforme o próximo trecho em destaque:

Durou essa posição soberana de Clemente até 1906 ou 1907, quando, entre nós, apareceu outro personagem, também importantíssimo em nossa história, o **Doutor Samuel Wandernes (07)**. **Este não era negro (08), nem do Sertão, nem do Rio Grande do Norte (09)**. Era **branco e fidalgo (10)**, "um **gentil-homem dos Engenhos pernambucanos (11)**", como costumava dizer. Segundo nos disse, seu Pai, Senhor arruinado do Engenho "Guarupá", tornara-

se corretor-de-açúcar no Recife, onde "vivia à larga, à moda fidalga". Ele, Samuel, "Morgado do Guarupá", também formado na Faculdade de Direito, **era, porém, não um radical (12), como Clemente (13), mas "um poeta do Sonho e pesquisador da Legenda" (14)**. Nessa qualidade, planejara, também, um livro, uma obra-de-gênio intitulada O Rei e a Coroa de Esmeraldas. (SUASSUNA, 2012, p. 165; grifos meus)

Sendo assim apresentamos, a seguir, os contrapontos para cada uma das descrições enumeradas acima, aclarando os pontos divergentes apresentados pelo discurso quadernesco, o qual confirma a classe/posição social destes dois atores do enunciado.

### **Profissão/Título: o Professor *versus* o Doutor**

Observa-se que, embora Clemente e Samuel, sejam bacharéis em Direito, não são referidos pelo mesmo título. Ao contrário de Clemente que é apresentado como ***Professor Clemente Hará de Ravasco Anvérsio (passagem 01)***, a Samuel é efetivamente dado o título de ***Doutor Samuel Wandernes (passagem 09)***. Eis que o L<sup>o</sup> cuida para que haja um distinto tratamento entre estes dois oponentes.

O uso da classificação *Professor* para Clemente e *Doutor* para Samuel parece reforçar a atuação de Clemente como um ser ativo na condição de ensinar, não se apropriando do poder dado àqueles que são doutores; é um professor acima de tudo, e antes mesmo de ser um advogado. Percebemos que Samuel, por sua vez, faz-se presente na condição unânime daquele que é um doutor/advogado e se vê em poder a todo o tempo. Inicia-se, pois, com esta oposição, a construção do *ethos* de um professor um tanto quanto humilde, em oposição ao *ethos* de um doutor possivelmente mais arrogante.

Mas não podemos deixar de ressaltar que estilisticamente tal oposição revela-nos que a escolha pela expressão *Professor Clemente* requer a possibilidade do referido personagem ser o mais intelectual dos dois; enquanto a opção pelo *Doutor Samuel*, pode remeter a um sentido depreciativo, em se considerando que o termo *Doutor*, na língua portuguesa falada no Brasil, pode funcionar pura e simplesmente como um pronome de tratamento que revela o *statu quo* de nossa real sociedade, haja vista que é empregado

oralmente na designação de determinado indivíduo, sem que este tenha alguma formação acadêmica. Nestes casos, *Doutor* se refere àquele que tem o poder social maior, ou seja, uma posição social mais elevada, comumente de alto padrão em relação à maioria desfavorecida sócia e culturalmente. E estendendo um pouco mais nossa análise, devemos considerar que tal funcionamento do termo *Doutor* pode ser empregado, muitas vezes, sob a pronúncia “doutô”, prevista como variante linguística de ocorrência no Brasil e que reforça a condição social de quem a pronuncia.

De todo modo não podemos deixar de adiantar, neste primeiro contraponto, que não entenderemos ‘humildade clementina’ como sendo algo que torne este referido personagem alguém que não se imponha em suas ideias. Pelo contrário, Clemente irá se revelar por demais irredutível em sua ideologia/filosofia, porém o contraponto ‘humilde’ serve para opô-lo ao seu rival Samuel, no que tange a condição de ser arrogante, ou não arrogante. Assim sendo, na condição que revela ser alguém que ensina (um professor) e efetivamente possibilite a compreensão de seus ideais por outrem, Clemente se opõe a Samuel na medida em que este, por sua vez, arrogantemente não se vê ensinando, e, sim, apenas querendo impor suas ideias sem que haja alguma discussão metodológica para tal.

Considerando a posição social e respectiva ideologia, teríamos algo como: “aquilo que não se discute”, em se tratando de ideias de um *Doutor versus* “aquilo que ainda precisa ser transmitido e aceito”, em se tratando de ideias de um Professor.

### **Qualidades acadêmico-profissionais: o Historiador *versus* o Poeta**

Neste, que é o segundo contraponto, devemos destacar antes de mais nada, a seguinte observação: embora o discurso seja do próprio narrador da história – L<sup>o</sup>, Quaderna –, este parece querer jogar a responsabilidade de sua descrição a outrem, conforme o uso das aspas vai revelando que aquelas não seriam palavras suas, e sim reproduzidas de acordo com o que está na “boca do povo”, traduzindo o que o “povo” diz de Samuel e Clemente.

Para Bakhtin, não existe um objeto de discurso que já não seja dialógico, pois não há uma fala original. No dito coexiste o já-dito. A ideia de compreensão

ativa é particularmente ilustrativa desse aspecto. A transmissão da palavra de outrem, como objeto de transmissão interessada, é sempre parcial. A consciência de si está sempre presente na consciência que o outro tem do locutor. O “eu para si” no qual as vozes constituem a consciência do sujeito e que este, por sua vez, fala a partir do discurso do outro, com o discurso do outro e para o discurso do outro. Na voz do sujeito, está a consciência que o outro tem dele. (FLORES & TEIXEIRA, 2013, p.59)

A escolha pelo uso das aspas reforça o estilo quadernesco-suassuniano de colocar suas opiniões a partir do uso das falas pré-concebidas e ideologicamente já constituídas por uma maioria (toda uma sociedade), chamada de “senso comum”. O uso estilístico das aspas dão um efeito expressivo que exime a responsabilidade de Quaderna quanto às características apresentadas por ele; ainda que tenham sido escolhidas por ele, indicam que este L<sup>o</sup> poderia não partilhar das mesmas opiniões advindas do senso comum (“povo”).

Também estilisticamente, devemos observar que Quaderna enfatiza as qualidades de Clemente, mais do que as de Samuel, quando da repetição expressiva do artigo indefinido, o qual produz “um belo efeito estilístico”, uma vez que “serve para traduzir a indeterminação e o mistério” (LAPA, 1973, p. 96). Sabemos que sem eles (artigos indefinidos), o ritmo e a gradação do discurso quadernesco não seriam possíveis, pois, se o L<sup>o</sup> tivesse reproduzido os substantivos ‘filósofo, bacharel, historiador, luminar, sumidade’ absolutamente sem qualquer outro elemento – que não a vírgula –, não atenderia ao mesmo efeito.

Ora a indeterminação e o mistério vão quase sempre acompanhados de movimentos da sensibilidade. É por isso que o artigo indefinido traduz muitas vezes os sobressaltos da alma, a intensidade obscura dos afetos. É um instrumento precioso para exprimir a complicação da alma moderna, o seu caráter impressionável. (LAPA, 1973, p.96)

Isto posto ressaltamos que, segundo Lapa (1973), o artigo indefinido dramatiza o caso, reforçando ao mesmo tempo a intensidade da representação. Eis porque esse morfema se emprega muitas vezes como uma espécie de superlativo, como ocorre neste caso da **passagem 09**.

Entendemos que a preocupação quadernesca em apresentar as características psicológicas de Clemente antes de outras características do mesmo – dentre elas a física



– tenha ocorrido, quem sabe, pelo fato de ser, Clemente, um homem negro, ao contrário de Samuel, um homem branco. De acordo com a crítica quadernesca-suassuniana, uma possível verificação de que seria mais fácil encontrar qualidade em um branco fidalgo, em um negro parece ser necessário que se reforce tais qualidades.

E devemos lembrar que, ao contrário de ser algum preconceito por parte do Locutor Empírico Suassuna, revelado no discurso do L<sup>o</sup>, o que temos é o estilo quadernesco-suassuniano exatamente a serviço de uma abordagem que revele o preconceito existente em nossa própria sociedade do mundo real.

Quanto à construção de cada um dos *ethé*, destacamos os substantivos historiador (Clemente) *versus* poeta (Samuel), a fim de levantarmos um possível Clemente com ideologia mais coerente e aceitável *versus* um possível Samuel um tanto quanto mais fora da realidade.

Arriscamos dizer que ambos os substantivos reforçam o embate Professor *versus* Doutor, na medida em que historiador é, geralmente, alguém de opinião irredutível e está altamente relacionável a professor (com mais “pés no chão”), enquanto um doutor, fidalgo, por seu turno, geralmente é entendido como aquele que se mantém na elegância e com muito tempo de sobra, podendo sonhar, tal como o fazem os poetas (com mais tempo para sonhar). Com base nisso reforçamos, ainda, o quão a constituição desse Clemente, assim caracterizado, aponta para uma ideologia mais racional, enquanto que a caracterização de Samuel o constitui alguém menos racional.

### **Ascendência: o filho de pais incógnitos *versus* o fidalgo**

Neste caso de contraposição, percebe-se a delicadeza com que o *ethos* de Clemente se faz fragilizado (em menino), por ser, ele, alguém que nos faz condolentes de seu destino pelo fato de ter sido – de muita má sorte – uma criança recusada por seus pais. Samuel, ao contrário, é *branco e fidalgo* (**passagem 12**), ou seja, um abastado de feliz sorte.

Novamente revelando um Locutor Empírico (Suassuna) de feroz crítica à nossa sociedade, o estilo quadernesco-suassuniano, nesse caso, promove exatamente esta



reflexão: sempre há um negro pobre e abandonado para cada branco abastado de feliz sorte.

### **Naturalidade: aquele nascido no Sertão (no RN) versus aquele nascido fora do Sertão (fora do RN)**

Podemos identificar nesta contraposição, um Clemente nascido em meio à cultura popular e que parece refletir toda a influência sofrida por ele para com esta apropriação do sertanejo, do “castanho”. Samuel, por sua vez, é vindo de um lugar que não fica no Sertão, nem no Rio Grande do Norte, de acordo com a **passagem 11**, mas sim – ao que tudo indica – de um local muito mais “abastado”. Digamos que este lugar fosse Pernambuco, visto que é *um gentil-homem dos Engenhos pernambucanos (passagem 13)*. Ou seja, Samuel é alguém nascido em meio à cultura erudita, fora do Sertão e respectiva cultura popular.

Tanto assim, temos que, estilisticamente, a naturalidade/origem apontada no discurso quadernesco como uma das descrições relativas aos referidos personagens, revela muito mais do que seus locais de nascimento. Revela a crítica suassuniana, a qual considera de suma importância a valorização da cultura popular nordestina do Sertão, presente na alma de todos aqueles que lá nascem.

De todo modo, quando tratamos da valorização da cultura sertaneja na obra suassuniana, não devemos deixar de lembrar que toda a cultura popular está equilibradamente presente em suas concepções, tais como estão presentes, também, as concepções relativas à cultura erudita. Há, então, em Suassuna, a valorização da cultura popular em sua associação direta com a cultura erudita, pois que ambas andam juntas, conforme o próprio Movimento Armorial<sup>3</sup> o propõe.

Sabemos, pois, que toda a obra *RPR* em si traduz a necessidade de união entre as culturas popular e erudita, e, em vista da metodologia revelada pelo estilo quadernesco-suassunuano, tem-se – logo na primeira parte do *Romance* – a oportunidade de entender

---

<sup>3</sup> Segundo Suassuna (apud Micheletti, 1997), o *Movimento Armorial* pretende realizar uma *Arte brasileira erudita a partir das raízes populares da nossa Cultura*. Por isso, algumas pessoas estranham, às vezes, que tenhamos adotado o nome ‘armorial’ para denominá-lo. Acontece que, sendo ‘armorial’ o conjunto de insígnias, brasões, estandartes e bandeiras de um Povo, no Brasil a *Heráldica* é uma *Arte* muito mais popular do que qualquer outra coisa. Assim, o nome que adotamos significava, muito bem, que desejávamos ligar-nos a essas raízes da *Cultura popular brasileira*.

suas especificidades, conforme apresentação e descrição de Samuel e Clemente em associação com as mesmas (culturas erudita e popular, respectivamente). Ou seja, é como se pudéssemos construir a figura de Clemente como sendo um sertanejo que, além de estar inserido em todo o contexto da cultura popular, valoriza suas tradições; por outro lado, teríamos a constituição da figura de Samuel como sendo aquele que não é sertanejo e que – dada sua condição intrusa – traz consigo toda a riqueza erudita que está fora da cultura popular.

### **(Algumas) Características físicas: o negro *versus* o branco**

Embora tenhamos intitulado “(Algumas) Características físicas”, não podemos deixar de elucidar que são – na verdade – as exatas características físicas cruciais para o apontamento da crítica suassuniana.

Adentrando a toda a situação étnico-racial, devemos salientar que quando o L<sup>o</sup> descreve *negrinho bonito*, reforça a possibilidade de que o senso comum poderia partir da premissa de que ‘negrinho’ encontra-se em oposição a ‘bonito’. Eis que as expressões *negrinho bonito* e *de cabelo bom* revelam o preconceito embutido no discurso de senso comum presente em nossa real sociedade – por meio do uso das aspas que, mais uma vez, delegam a responsabilidade ao “povo” – e elucidados pelo Locutor Empírico, por meio do discurso de sua criatura Quaderna (L<sup>o</sup>). Novamente o uso estilístico das aspas colabora na constituição dos aludidos *ethé*, uma vez que traz consigo uma credibilidade acerca da maneira com que os personagens se apresentam perante o povo e na visão do povo.

São as mazelas de uma sociedade fictícia suassuniana, revelando as mazelas de nossa própria e real sociedade, onde os valores se constituem inversamente estigmatizados conforme se é negro, ou se é branco. Tem-se, pois, no Romance, aquele que sofre preconceito *versus* aquele que não sofre preconceito (podendo, este último, inclusive, reafirmar seu possível preconceito, conforme interesse próprio).

### **Ideias: o mais radical *versus* o menos radical**

A partir do discurso quadrennesco percebe-se que Samuel é capaz de ser tão fino/elegante que não chega a ser considerado deveras radical, tal como o é Clemente, de ideologia irreduzível. Finalmente neste contraponto, devemos frisar a conclusão de que a constituição do *ethos* de Clemente o torna um negro que busca constantemente a chance de colocar seus ideais; longe, entretanto, de ostentar por sua ideologia, pois que está certo de sua humildade para transmiti-los (ideais), em sua condição de professor, ou melhor, de seu professor.

Samuel, ao contrário, constitui-se como aquele de força branca e de pensamento forte, segundo o senso comum; ou seja, explana suas ideias por meio de sua própria condição em ser branco e ter em mãos o poder em trazê-las já constituídas e, por inúmeras vezes, já aceitas pela sociedade. Ele parece não encontrar a necessidade em querer se fazer presente; o faz de maneira despretensiosa, porém sempre em um tom mais arrogante que Clemente. É como se não se importasse com aquele que não concorda com suas ideias, uma vez que se considera estritamente correto e não se submete a tentar convencer o outro. Samuel acaba por desqualificar o outro, ao mesmo tempo em que instala uma própria postura caracterizada pela hierarquia da qual entende estar em seu topo. Contrariamente, Clemente usa de todas suas “armas” para convencer o outro em aceitar suas ideias; e para quem passa a vida tentando ser aceito em uma sociedade racista, de cultura branca, é mais recorrente, para ele, estar a todo o tempo lutando e brigando por seus direitos, por seus ideais. Direito de estar certo, direito de ser negro, direito de ter respeitada sua ideologia. Mas ele quer mais. Quer convencer o mundo de suas razões. Samuel, também o quer; porém com parcimônia.

Eis que temos: uma ideologia/filosofia irreduzível e repleta de luta *versus* uma ideologia/filosofia fina e – ao que percebemos – a qual indica certa elegância tornando Samuel alguém que necessita de bem menos esforço na colocação/imposição de suas ideias, e conseqüentemente teria uma aceitação mais facilitada. Novamente fazemos uso da analogia em que considera a cultura popular *versus* a cultura erudita. Ou seja, é como se Clemente representasse a cultura popular, a qual nem sempre é devidamente valorizada e aceita pelo mundo “ocidentalizado” e branco e, ainda, não sertanejo. Samuel, por seu turno, representaria a cultura erudita já constituída consagrada em nosso mundo ocidental de cultura branca.

## Considerações finais

Em nossos estudos, pudemos verificar que o sujeito locutor articula discurso e ideologia, de modo a contribuir na construção dos referidos *ethé* que são revelados por meio das escolhas lexicais, cujos substantivos se destacam sobremaneira. Desse modo pudemos observar a maneira com que o discurso quadernesco contribuiu, ainda no início do Romance, para a caracterização desses dois personagens, porém apresentando determinadas diferenças que evidenciaram a rivalidade entre eles.

À medida que é apresentada a descrição física e psicológica tanto de Samuel quanto de Clemente, revelam-se as marcas de intencionalidade de seu (L<sup>o</sup>), cuja inerente presença do Locutor Empírico, Suassuna, se faz perceber, conforme seu estilo e crítica já constituídos. Por essa razão é que, por vezes, referimos-nos a um discurso quadernesco-suassuniano.

Considerando o discurso como uma prática social - em construção social, não individual - analisado a partir de um contexto histórico-social, como também considerando suas condições de produção, implica dizer que o discurso reflete uma visão de mundo sempre vinculada às dos seus autores e à sociedade em que vivem, não havendo, portanto, discurso destituído de ideologia.

Segundo Brandão (2011):

Para a AD, a linguagem deve ser estudada não só em relação ao seu aspecto gramatical, exigindo de seus usuários um saber linguístico, mas também em relação aos aspectos ideológicos, sociais que se manifestam através de um saber **sócio-ideológico**. Para ela, o estudo da língua está sempre aliado ao aspecto social e histórico. (BRANDÃO, 2011, p. 06)

Sendo a crítica um produto da expressividade suassuniana, percebeu-se a importância de uma análise frente a estes momentos de discurso exclusivamente narrativo do L<sup>o</sup> para com a caracterização dos dois personagens, de modo a salientar a maneira como Suassuna se coloca na voz de Quaderna.

Vendo-se livre para criticar ferozmente a sociedade e respectivas instituições, encarando literariamente de vez a hipocrisia social a partir de uma postura

transgressora, Suassuna relativiza verdades e dogmas na completa desestabilização de um refinado *statu quo*. E nossa percepção se valeu de aspectos identificados no discurso quadernesco-suassuniano, os quais favorecem uma descrição por meio de expressivos substantivos que, estilisticamente, engrandecem – ou não – os dois personagens.

Em se tratando, especificamente, desses substantivos utilizados na composição do discurso quadernesco, pudemos nos aportar aos estudos estilísticos sob a perspectiva da “Estilística da Palavra”, propostas por Nilce Sant’Anna Martins (2003), que está relacionada às escolhas lexicais por parte do enunciador.

A Estilística tem um campo de estudo mais amplo que o da Retórica: não se limitando ao uso da linguagem com fins exclusivamente literários. As várias teorias estilísticas, cada qual com a sua contribuição, podem ser compreendidas em dois grupos: as que consideram o fenômeno estilístico como objeto de pesquisa em si mesmo, e as que o consideram como o meio privilegiado de acesso à interioridade do escritor. (MARTINS, 2000, p. 22)

Desse modo, optamos por destacar as avaliações/julgamentos do L<sup>o</sup>, as quais marcam sua opinião (ou a opinião alheia, conforme dá voz ao “povo”/voz corrente) por meio da descrição de Samuel e Clemente realizada conforme uso sistemático de expressões compostas, em sua maioria, por palavras lexicais, com ênfase ao sentido revelado por inúmeros substantivos e alguns adjetivos, por exemplo.

Conclui-se que o estilo suassuniano, o qual subjaz ao discurso quadernesco, compõe-se em plena harmonia para com as reveladoras escolhas lexicais dadas pelo protagonista, e que puderam estar a serviço de seu posicionamento frente aos outros dois personagens, de modo a contribuir significativamente na constituição de seus *ethé*.

## REFERÊNCIAS

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37. ed. Revista e ampliada. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

BRANDÃO, Helena Hatsue Nagamini. **Analisando o discurso**. Texto disponível em [http://www.museudalinguaportuguesa.org.br/files/mlp/texto\\_1.pdf](http://www.museudalinguaportuguesa.org.br/files/mlp/texto_1.pdf). Acesso em: 29 abr.2011..

LAPA, M. R. **A Estilística da Língua Portuguesa**. 7. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1973.

MAINGUENEAU, D. **Elementos de linguística para o texto literário**. Tradução de Maria Augusta de Matos e revisão de Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

\_\_\_\_\_. **Pragmática para o discurso literário**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

\_\_\_\_\_. **Novas Tendências em Análise do Discurso**. 3. ed. Campinas: Pontes & Editora da UNICAMP, 1997.

MARTINS, N. S. **Introdução à Estilística: a expressividade da língua portuguesa**. 4. ed. rev. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

MICHELETTI, G. **Enunciação e Gêneros Discursivos**. São Paulo: Cortez, 2008.

\_\_\_\_\_. **Enunciação, sentido e expressividade n'A Pedra do Reino de A. Suassuna**. São Paulo: 2007.

\_\_\_\_\_. **Na Confluência das formas: o discurso polifônico de Quaderna/Suassuna**. São Paulo: Clíper Editora, 1997.

MUSSALIM, F. Uma abordagem discursiva sobre as relações entre ethos e estilo. In: MOTTA, A. R.; SALGADO, L (Orgs.) **Ethos discursivo**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011. p. 71-81.

POSSENTI, Sírio, BARONAS, Roberto Leiser. **Contribuições de Dominique Maingueneau para a Análise do Discurso do Brasil**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2008.

SUASSUNA, Ariano. **Almanaque Armorial: Seleção, organização e prefácio Carlos Newton Júnior**. Rio de Janeiro: Jose Olympio Editora, 2008.

\_\_\_\_\_. **Romance da Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta**. 9. ed. Rio de Janeiro: Jose Olympio Editora, 2012.

TAVARES, B. **ABC de Ariano Suassuna**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.

*Artigo aceito em dez./2015*